

Resenhas

CLETO, Murilo; DORIA, Kim; JINKINGS, Ivana (Orgs.). *Por que gritamos Golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2016.

Luccas Eduardo Castilho Maldonado¹

Após duas décadas de continente avermelhado, porém com tons não muito intensos, a cor começa a apresentar os seus limites. Não pelas suas virtudes, há muito ainda a ser feito, mas pelos seus limites.

A América Latina passou por grandes mudanças em sua configuração política nos últimos dois anos. Em pouco tempo, o cenário preponderantemente governado pelas “esquerdas” rearticulou-se por meio da subida de diversos partidários da direita. Países como Argentina, Paraguai e Brasil sofreram transformações orientadas para a extinção ou o congelamento das pautas e demandas sociais. Provavelmente, o Brasil seja o mais simbólico dentre eles.

A sua intensidade se expressa por um golpe. A presidenta eleita democraticamente, Dilma Rousseff, foi afastada por meio de um fato jurídico totalmente novo na história do país. Não se aprofundando, o cerne do golpe, que se afirma como *impeachment*, caracteriza-se pela criação de um crime nunca antes demarcado pela jurisprudência e pela história nacional. Mas que, no cotidiano executivo, se trata de medida usual. A título de comparação, se a acusação de Dilma, as “pedaladas fiscais”, fosse aplicada a todos os governos executivos do país, 17 governadores, de uma totalidade de 27, também seriam afastados.

Golpes de Estados não são novidades na trajetória histórica da região. O século XIX e principalmente o XX caracterizam-se por uma série significativa deles – em todas as décadas e em quase todos os países. Não fora de regra, o século XXI vem a se apresentar como uma farsa – no sentido que Marx atribuiu

¹ Graduando em História na Universidade de São Paulo (USP).

ao termo. Chega-se em 2016 com três Golpes no continente: o de Honduras em 2009; o do Paraguai em 2012; e o do Brasil em curso.

Parte da estratégia de qualquer golpe é a disputa pelo discurso majoritário. A partir do momento de sua prática, iniciam-se os conflitos pela retórica. No caso brasileiro, a situação já opera. As forças de esquerda, a favor da manutenção da estrutura democrática, estão a realizar uma série de protestos, discursos, eventos e outros atos em busca de denunciar o golpe.

Um desses movimentos foi a recente publicação do livro *Por que Gritamos Golpe? Para entender o Impeachment e a crise política no Brasil*. A obra é uma reunião de 26 textos, autorais de uma série de membros de distintas colorações da esquerda brasileira, havendo entre eles políticos, intelectuais, editores e militantes. Nomes importantes estão inseridos na brochura, como: André Singer, Ciro Gomes, Guilherme Boulos, Juca Ferreira, Luiz Bernardo Pericás, Marilena Chauí, Michael Löwy, Pablo Ortellado, Roberto Requião, Ruy Braga e outros – além da chargista Laerte Coutinho, que contribuiu com uma série de estéticas.

Tratam-se de textos rápidos, escritos no calor no momento, que contam com dois objetivos fundamentais: oferecer ao leitor subsídios para diversas questões relacionadas ao golpe – por exemplo, a instabilidade social armada no país desde a reeleição da presidenta Rousseff, como foi planejado o golpe e as orientações político-econômicas do governo Temer –; e demarcar uma posição de esquerda resistente ao Golpe.

Dentre eles, existem alguns textos que merecem muita atenção pelo seu poder analítico e descritivo da conjuntura brasileira, dentro dos limites das poucas laudas dispostas em uma coletânea. Entender um processo em desdobramento sempre é um desafio interpretativo, porém, alguns indivíduos são capazes de se afastar e olhar mais amplamente. Cinco escritos da coletânea fazem jus a tal mérito. Aliás, traduzi-los para as principais línguas deveria estar na pauta da esquerda brasileira.

O primeiro é autoral da filósofa Marilena Chauí: “A nova classe trabalhadora e a ascensão do conservadorismo no Brasil”. Trabalho focado na reconfiguração das classes sociais nos anos dos governos petistas – período de significa diminuição da desigualdade social no país – Chauí busca ligações entre o aumento das classes médias e o avanço dos discursos conservadores. Para ela,

os mais antigos membros das classes intermediárias, ao observarem a ascensão econômica dos setores mais baixos, lançaram a público uma série de discursos conservadores e contrários às esquerdas. Processo detentor de profundas ligações, por ser a massa ocupante, com as passeatas contrárias a presidenta Dilma que tomaram as ruas nos últimos 2 anos. A indignação desses setores não foi responsável pelo golpe em si, mas pelo coro aos deputados e aos senadores que realmente sujaram as mãos ao armarem o golpe.

O segundo é do antigo Ministro da Cultura (MinC) do governo petista, Juca Ferreira: “Cultura e Resistência”. Abordagem de um profundo conhecedor da maquinaria cultural brasileira. A extinção do MinC, ato que teve reflexos na própria França, como o protesto dos atores do filme *Aquarius* em Cannes, e o desmonte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) são tratados pelo político. Resumidamente, apresenta-se a nova orientação cultural do governo, ou melhor, a nova desorientação. Inicia-se uma clara rearticulação das verbas para áreas “rentáveis” e uma lenta desativação das instituições fiscalizadoras dos grandes empreendimentos e das especulações.

O terceiro é do historiador Luiz Bernardo Pericás: “Os Semeadores da discórdia: a questão agrária na encruzilhada”. O professor, da Universidade de São Paulo, debruça-se sobre uma das problemáticas históricas do país: a questão agrária. A reforma da estrutura fundiária e a distribuição do crédito ao pequeno agricultor não foi um projeto vital para os governos petistas – houve avanços, porém contidos. A questão é que, com a subida de Temer, um dos núcleos mais conservadores do Parlamento Brasileiro ascendeu juntamente com o golpista. O setor mais predatório do agronegócio, na pessoa de Blairo Maggi, “o rei da soja” e atual Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, está a lançar os olhos para as leis trabalhistas, aos órgãos deliberativos (ambientais e sócias) e aos movimentos sociais do campo.

O quarto é do cientista político André Singer: “Por uma frente ampla, democrática e republicana”. Autor de uma série de estudos sobre os governos Lula e Dilma, Singer retoma novamente o seu olhar para a conjuntura, porém agora em um novo momento: o de recuo da esquerda. A subida de Temer não é entendida como um fenômeno isolado internacionalmente, mas como mais um avanço do neoliberalismo no cenário mundial. Sendo o núcleo duro da nova gestão, representados pelas figuras dos Ministros da Fazenda e das Relações

Exteriores, os responsáveis por articular o desmonte de uma série de engrenagens da seguridade social dos trabalhadores e a privatização das empresas públicas do país.

O quinto é da autoria de Pablo Ortellado, Esther Solano e Márcio Moretto: “Uma sociedade polarizada?”. Provavelmente, o texto mais preocupante do livro. A equipe de Ortellado, desde o princípio das manifestações sociais brasileiras, realizou uma série de pesquisas de campo com os membros dos atos, tanto com os da oposição, quanto com os da base presidencial. Dentre os vários resultados coletados, um é especialmente preocupante. A constatação da existência de um sentimento geral, independentemente do grupo, de descrença com as instituições político-partidárias. Fato indicador de uma grande problemática: a crise apresenta-se de maneira mais profunda, o olhar de desilusão não é apenas para os sujeitos empossados, mas para a própria base do sistema político ocidental – a qual está em crise no Brasil aparentemente. Situação assustadora ao se considerar a realidade brasileira e uma das premissas dos estudos políticos: o poder não é conivente com o vácuo. Se os indivíduos estão afastados do debate *publicus* indubitavelmente alguém ocupará o espaço da *Respublica*. Realidade que o parlamento brasileiro corresponde por si só.

O livro *Por que Gritamos Golpe?* é uma empreitada importante para os grupos da esquerda brasileira. Apesar de serem textos breves e com temporalidades limitadas, eles cumprem o papel de situar a questão. O seu sucesso, como projeto de denúncia, liga-se mais à amplitude da divulgação e do coro que for capaz de conquistar.